

Ministério da Educação Secretaria  
Secretaria de Educação Especial  
Educação Inclusiva

# **Grafia Química Braille para Uso no Brasil**

2ª edição

Brasília, 2011

## FICHA TÉCNICA

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão  
Claudia Pereira Dutra

### Elaboração

Gerson de Souza Mól  
Maria Glória Batista da Mota  
Mônica Porciúncula Pernambuco  
Patrícia Neves Raposo  
Paula Márcia Barbosa

### Colaboradores

Ana Caroline Freitas de Almeida  
Cecília Maria Oka  
Débora de Sousa Machado  
Iracema Vilaronga Rodrigues  
Jonir Bechara Cerqueira  
José Carlos Rodrigues  
Larine Araujo Pires  
Maria da Glória de Sousa Almeida  
Regina Fátima Caldeira de Oliveira  
Rejane Ferreira Machado Pires

### Revisão

Débora de Sousa Machado  
Larine Araujo Pires  
Patrícia Neves Raposo

### Ministério da Educação

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, 6º andar, sala 600 – CEP 70047-901 – Brasília – DF  
Fones (61) 2022-7661 – 2022-9081 – Fax (61) 2022-9297  
E-mail: secadi@mec.gov.br – site: www.mec.gov.br

2ª Edição, 2011  
tiragem: 2000 exemplares

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Grafia Química Braille para Uso no Brasil / elaboração: RAPOSO, Patrícia Neves... [et al.]. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2011. 2ª edição

54 p.

ISBN:

1. Educação Especial. 2. Grafia Química Braille. 3. Braille. I. Título.

CDU 376.32

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>V</b>
<b>Introdução</b>	<b>VII</b>
<b>Orientações para transcrição</b>	<b>XII</b>
<b>Capítulo 1 – Representação dos elementos químicos</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2 – Número de átomos nas fórmulas das substâncias químicas</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 3 – Número atômico e número de massa de elementos químicos</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 4 – Coeficientes estequiométricos em equações químicas</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 5 – Estados físicos das substâncias</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo 6 – Cargas elétricas de espécies químicas</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 7 – Setas</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 8 – Ligações químicas</b>	<b>25</b>
<b>Capítulo 9 – Notação de Lewis</b>	<b>30</b>
<b>Capítulo 10 – Radical livre ou grupo funcional</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo 11 – Níveis de energia</b>	<b>34</b>
<b>Capítulo 12 – Cadeias carbônicas</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo 13 – Estruturas cíclicas</b>	<b>38</b>
<b>Capítulo 14 – Estruturas tridimensionais de fórmulas químicas</b>	<b>41</b>
<b>Capítulo 15 – Símbolo braille delimitador</b>	<b>42</b>
<b>Capítulo 16 – Abreviaturas de funções orgânicas</b>	<b>43</b>
<b>Capítulo 17 – Translineação de fórmulas químicas</b>	<b>45</b>
<b>Capítulo 18 – Unidades de medidas</b>	<b>47</b>
<b>Referências</b>	<b>49</b>
<b>Anexo – alfabeto grego</b>	<b>50</b>



## Apresentação

A construção de sistemas de ensino inclusivos requer a implementação de ações que subsidiem práticas pedagógicas capazes de atender às peculiaridades humanas.

A presente obra ratifica o propósito da atual Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de assegurar o acesso, a participação e aprendizagem dos alunos com deficiência nas escolas regulares.

Este documento é o resultado das atividades desenvolvidas pelo Grupo de trabalho, criado pela secretaria de Educação Especial, com o objetivo de atualizar a primeira edição da Grafia Química Braille para Uso no Brasil, publicada em 2002, em Braille e em tinta, pelo Ministério da Educação.

Esta publicação normatiza a representação de todos os símbolos empregados pela Química, suas entidades em diferentes posições, diagramas, notações específicas, figuras e estruturas, com o intuito de garantir aos alunos e professores com deficiência visual, o acesso aos textos específicos da área, ampliando, assim, o uso e a aplicação dessa Grafia por transcritores e usuários do Sistema Braille.

Claudia Pereira Dutra  
Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - MEC



## Introdução

A LDBEN de 1996 preconiza no título II, art.3º que o ensino será ministrado com base em princípios, entre os quais destacamos os incisos:

- I. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III. pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV. respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V. vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (Brasil, 1996).

O direito e a necessidade de conhecimento são pertinentes a todas as pessoas que vivem em nossa sociedade. Reconhecer e respeitar a diversidade humana é essencial para uma educação que inclua todos.

No ensino das ciências verifica-se a necessidade de adaptações de materiais e de estratégias metodológicas para a educação do aluno com deficiência visual. Essas exigências são compatíveis com as aquisições e o desenvolvimento de habilidades e competências pertinentes aos diversos componentes curriculares, com vistas à formação acadêmica, pessoal e profissional dos alunos. a complexidade do currículo e o gradual aumento quantitativo e qualitativo das aprendizagens exigem linguagens e recursos específicos nas áreas de conhecimento contempladas, a exemplo de Física, Química e Matemática (RAPOSO e CARVALHO, 2005).

Na representação das linguagens específicas, o aluno cego vale-se das grafias braille correspondentes às disciplinas, acrescentando-se ainda, o uso de gráficos, tabelas, diagramas e outros, cuja transcrição para o sistema Braille e adaptação em relevo demandam recursos humanos e materiais adequados (*idem*).

A ciência química é caracterizada pelo uso e pela aplicação de teorias e modelos específicos. Além disso, a Química possui uma linguagem própria que permite a comunicação entre cientistas de diferentes áreas que utilizam esses conhecimentos. Essa linguagem específica também informa pessoas leigas sobre substâncias químicas presentes em produtos, a exemplo de remédios e produtos de beleza.

O ensino da Química, na perspectiva de formação de cidadãos críticos e conscientes, deve possibilitar aos educandos a aquisição de conhecimentos que lhes permitam interagir conscientemente com os produtos gerados tecnologicamente. Segundo Mortimer, Machado e Romanelli (2000), para a completa aprendizagem da Química, o seu ensino deve contemplar os três diferentes níveis de abordagem: fenomenológico ou macroscópico, o teórico ou microscópico e o representacional.

O nível macroscópico aborda os fenômenos estudados pelas químicas. nesse nível concreto acontecem as transformações e se observam as propriedades de substâncias e de materiais. Quando observamos a combustão de uma amostra de álcool comercial (etanol), por exemplo, ou verificamos a formação de um precipitado, estamos abordando a Química de forma descritiva e funcional. De forma geral o ensino de Química se ocupa pouco desse nível, embora busque explicá-lo. Ele aparece mais no ensino formal por meio de propostas de atividades experimentais realizadas por alunos ou demonstradas por professores.

O nível microscópico corresponde às teorias e modelos que os químicos utilizam para descrever e justificar os fenômenos observados macroscopicamente. Assim, quando observamos a formação de um precipitado pela mistura de soluções aquosas de nitrato de prata com cloreto de sódio, por exemplo, afirmamos que este precipitado é formado pela ligação entre íons prata e íons cloreto, constituindo o sal cloreto de prata, praticamente insolúvel em água.

A compreensão do nível microscópico exige grande abstração, a que implica no desenvolvimento da capacidade de elaboração de idéias e da articulação de conceitos. nesse nível estão as teorias que explicam a constituição da matéria e seus comportamentos em diferentes condições. Como exemplo de teoria de explicação da constituição da matéria podemos citar as que descrevem a estrutura dos átomos (teorias atômicas) e das substâncias (modelos de ligação química).

O nível representacional, empregado pelos químicos desde os primórdios dessa ciência, utiliza uma simbologia própria que permite a representação das substâncias, suas propriedades e suas transformações. Por meio dessa simbologia, os químicos podem representar fenômenos e substâncias e comunicar-se com outras pessoas conhecedoras dessa linguagem.

Ao desenvolver o conteúdo em sala de aula o professor de Química deve distinguir e contemplar esses três níveis, além de trabalhar a compreensão de gráficos e diagramas utilizados para explicação de conceitos e fenômenos.

A representação de estruturas e fenômenos por meio da linguagem simbólica pode se tornar um obstáculo se o aluno cego ou com baixa visão não tiver como percebê-la. Em Química representamos estruturas de átomos e moléculas por meio de figuras carregadas de informações. Essas representações constituem os textos científicos em livros ou são apresentadas por professores para ensinar os conceitos dessa área. Sem ter acesso as representações ou suas descrições, o aluno com deficiência visual passa a ser excluído do processo de ensino e aprendizagem pela falta de informação. O mesmo acontece quando o professor aborda gráficos e esquemas utilizados para indicar variações que acontecem nos processos em estudo.

A transcrição em Braille tem como objetivo atender aos alunos cegos conhecedores do Sistema, possibilitando a escrita e a leitura do conteúdo textual comum. Para atender às especificidades da linguagem química foi produzida pelo Ministério da Educação – MEC a Grafia Química Braille para Uso no Brasil (MEC, 2002).

Por meio dessa Grafia pode-se representar substâncias e equações e assim permitir o acesso do aluno usuário de Braille ao nível representacional da Química. Além de representar símbolos, fórmulas e equações, a Grafia Química Braille para uso no Brasil permite, também, a representação de estruturas moleculares.

Em 2005 a Secretaria de Educação Especial/Comissão Brasileira do Braille (CBB) aplicou um instrumento para avaliar o uso dessa Grafia no Brasil. As sugestões, necessidades, considerações e contribuições dos sistemas de ensino foram analisadas pelo Grupo técnico para Estudo e atualização da Grafia Química Braille. Esse grupo foi organizado pela CBB, professores da universidade de Brasília e do instituto Benjamin Constant com conhecimentos específicos do Braille e do componente curricular em questão.

A revisão e a atualização da Grafia Química Braille para uso no Brasil considerou, entre outros, os seguintes aspectos, já destacados na versão preliminar:

- símbolos definidos no Código Matemático Unificado;

- símbolos braille representativos já convencionados;
- símbolos utilizados em Química que não possuem correspondentes em braille;
- facilidade do uso e aplicação da grafia química, por parte de transcritores, profissionais dos serviços de apoio oferecidos a alunos com deficiência visual e professores de Química em todo o país;
- viabilidade do uso e aplicação da grafia química por educandos cegos;
- necessidade de orientações metodológicas para o ensino de determinados conceitos, estruturas e fenômenos, especialmente, quando sua representação bidimensional (em braille ou em relevo) dificultar a compreensão do tema em estudo.

Assim como os demais alunos, aqueles que apresentam deficiência visual devem ter acesso a todos os níveis de abordagem presentes no estudo da Química. Para isso, em alguns casos, necessitamos promover adaptações que permitam tal acesso. É nesse instante que se exige um empenho complementar do professor e da escola na qual os alunos estão incluídos. É também nesse sentido que temos pesquisado e buscado opções que possam promover esse acesso.

A atual versão da Grafia Química Braille para uso no Brasil dispõe de símbolos representativos para transcrição em braille do componente curricular de Química, suas entidades em diferentes posições, diagramas, notações específicas, determinadas figuras e estruturas, permitindo maior e melhor acesso das pessoas cegas aos textos científicos.

Na definição dos símbolos braille muitos sinais representativos das propostas analisadas na versão preliminar foram utilizados. Outros foram convencionados na tentativa de elaborar um trabalho de Grafia Química contendo o maior número possível de símbolos para transcrição de textos em Química, assim como vários e diversificados exemplos ilustrativos que visam favorecer o uso e a aplicação da Grafia por transcritores e usuários do Sistema Braille.

Para essa versão realizamos uma revisão criteriosa dos conteúdos químicos abordados em livros didáticos, especialmente os do Ensino Médio. Consideramos, também, questões e regras apresentadas pela IUPAC (*International Union of Pure and Applied Chemistry*). Nesse sentido, optamos pela retirada dos capítulos 8 (movimento de elétrons) e 13

(ruptura de ligação química) da versão preliminar, considerando sua baixa relevância para o ensino da química no nível médio.

Analisamos ainda, a pertinência de manter determinados itens, cujas representações são relativas a conteúdos com frequência reduzida ou que já foram suprimidos do ensino de Química. Esses casos estão indicados em cada capítulo, a exemplo das ligações dativas, e foram mantidos para consulta ou uso, se forem necessários.

Uma observação importante, em especial para transcritores de braille, é a utilização de um único sinal braille para duas ou mais representações em tinta, como proposto nos capítulos 9 e 13, que indicam a notação de Lewis e a representação do benzeno.



6. Recomenda-se na transcrição de textos científicos a inclusão de tabelas contendo os sinais utilizados e respectivos significados, assim como a representação da signografia e dos gráficos adotados no sistema comum.
7. Os sinais operatórios e os símbolos de relação numérica do CMU, são antecidos e seguidos de cela vazia (Ver exemplos no capítulo 7).
8. As setas são representadas entre espaços, inclusive aquelas que possuem símbolos abaixo e/ou acima (Ver exemplos no capítulo 7).
9. O corte de equações químicas é feito antes ou depois de símbolos operatórios, símbolos de relações numéricas ou setas, não sendo necessária a repetição destes símbolos na linha seguinte (Ver capítulos 5 e 7).
10. Nos casos especificados no capítulo 17, em que a translineação é feita após uma ligação química, torna-se necessário repetir os símbolos na continuidade da representação.
11. Na continuação de fórmulas, de equações ou no caso de translineação, deixam-se duas celas em branco na linha seguinte. Nos demais casos, deve-se seguir as Normas Técnicas para a Produção de Textos em Braille.
12. A nota de transcrição é delimitada pelos sinais compostos ⠠⠠⠠⠠ (abertura) e ⠠⠠⠠⠠ (fechamento). O texto da nota deve sempre iniciar com letra maiúscula (Ver exemplos no capítulo 16).

# 1. Representação dos elementos químicos

São transcritos conforme o sistema comum.

## Exemplos:

C – carbono ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

He – hélio ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠

Mg – magnésio ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

Na - sódio ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠

O - oxigênio ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

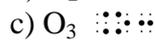
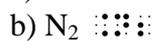
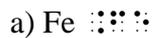
Po - polônio ⠠⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

W - tungstênio ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠ ⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠⠠

## 2. Número de átomos nas fórmulas das substâncias químicas

Em química os índices inferiores à direita, representativos do número de átomos nas fórmulas das substâncias químicas, são transcritos na parte inferior da cela braille, sem indicativo de posição e sem sinal de algarismo.

### Exemplos:

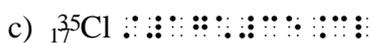


### 3. Número atômico e número de massa de elementos químicos

Na representação em braille dos números atômicos e de massa utilizam-se os indicadores  $\text{⠠}$  (34) para a posição inferior e  $\text{⠡}$  (16) para a posição superior.

Da mesma forma que em tinta, o número atômico em braille, deve ser representado à esquerda do símbolo do elemento químico. A representação do número de massa é feita à esquerda do símbolo do elemento químico, de acordo com recomendação da IUPAC, independentemente da posição em que aparecer em tinta.

Exemplos:



Outros exemplos de representações de número atômico e de número de massa, contendo números, letras e expressões:



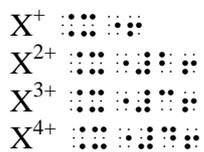




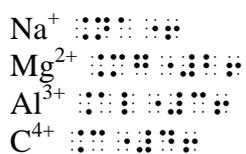
## 6. Cargas elétricas de espécies químicas

As cargas elétricas de espécies químicas são representadas antepondo-se a elas o ponto 5.

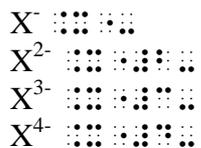
### 6.1. Cátions



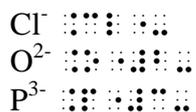
#### Exemplos:



### 6.2. Ânions



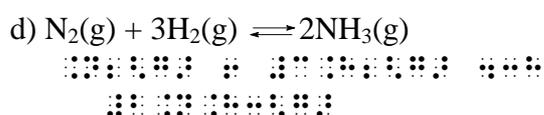
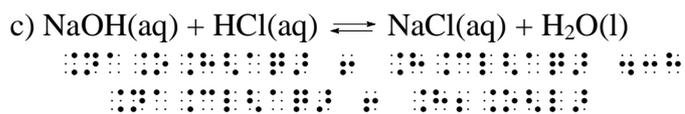
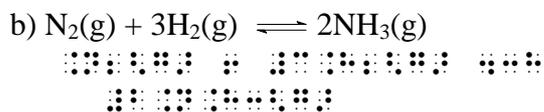
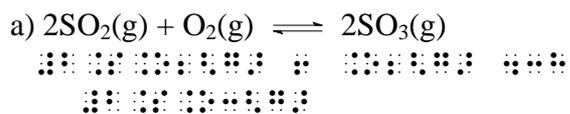
#### Exemplos:





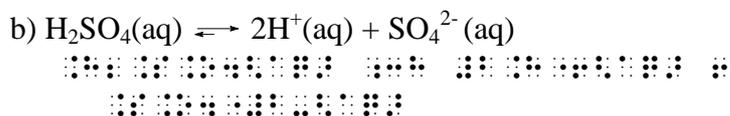
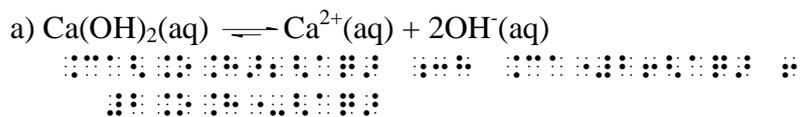


### Exemplos:



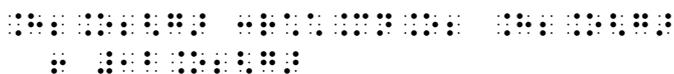
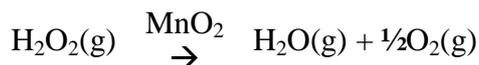
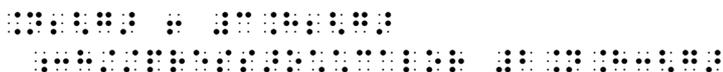
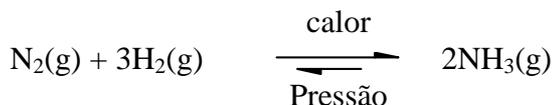
### 7.4. Seta de equilíbrio químico favorecendo a reação para a direita $\rightleftharpoons$ (0 56 25 125 0)

### Exemplos:

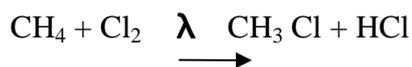




c) Fatores que deslocam equilíbrios: são representados acima e/ou abaixo das setas, com indicadores de posição.



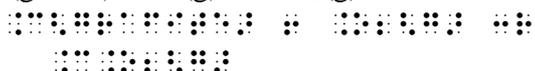
d) Incidência de luz:  $\lambda$  (4 123)



Observação: Em livros antigos é comum encontrar em reações químicas a utilização de setas para indicar a formação de precipitados (seta para baixo) ou a liberação de gases (seta para cima). Porém, atualmente, estes casos são representados, respectivamente, pela indicação dos estados físicos sólido (s) e gasoso (g).

### Exemplos:

a)  $\text{C}(\text{grafite}) + \text{O}_2(\text{g}) \rightarrow \text{CO}_2(\text{g})$



b)  $\text{NaCl}(\text{aq}) + \text{AgNO}_3(\text{aq}) \rightarrow \text{NaNO}_3(\text{aq}) + \text{AgCl}(\text{s})$



## 8. Ligações químicas

### 8.1. Ligações horizontais

- a) Simples –  $\text{---} \text{::}$  (5 2)
- b) Dupla =  $\text{=::}$  (56 23)
- c) Tripla  $\equiv \text{::}$  (456 123)

### 8.2. Ligações verticais

- a) Simples |  $\text{::}$  (456)
- b) Dupla ||  $\text{::}$  (456 123)
- c) Tripla |||  $\text{::}$  (456 123456)

### 8.3. Ligações na posição oblíqua:

- a) Superior direita ou inferior esquerda
  - Simples /  $\text{::}$  (34)
  - Dupla //  $\text{::}$  (34 34)
  - Tripla ///  $\text{::}$  (34 34 34)
- b) Superior esquerda ou inferior direita
  - Simples \  $\text{::}$  (16)
  - Dupla \\  $\text{::}$  (16 16)
  - Tripla \\\  $\text{::}$  (16 16 16)

### 8.4. Ligação hidrogênio (antigamente conhecida como ponte de hidrogênio):

- a) na posição horizontal - - -  $\text{::}$  (5 5)
- b) na posição vertical  $\text{::}$  (46)
- c) na posição oblíqua /  $\text{::}$  (345) e \  $\text{::}$  (126)







Observação: O conceito de ligação dativa não é mais utilizado e deve ser evitado. Porém, se aparecer, deve ser representado como a seguir:

- a) Para a direita → ⠠⠠⠠ (36 3)
- b) Para a esquerda ← ⠠⠠⠠ (6 36)
- c) Para cima ↑ ⠠⠠⠠ (456 1)
- d) Para baixo ↓ ⠠⠠⠠ (456 3)
- e) Para cima à direita ↗ ⠠⠠⠠ (34 2)
- f) Para cima à esquerda ↖ ⠠⠠⠠ (5 16)
- g) Para baixo à direita ↘ ⠠⠠⠠ (16 2)
- h) Para baixo à esquerda ↙ ⠠⠠⠠ (5 34)

## 9. Notação de Lewis

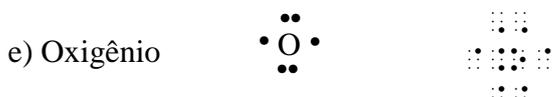
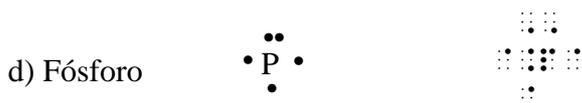
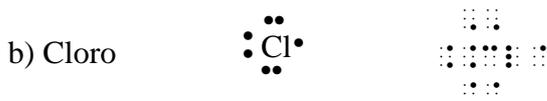
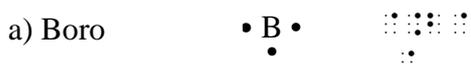
Para a notação de Lewis, independentemente da forma utilizada em tinta (bolinhas, pequenas letras x, sinal de mais, asterisco, coloridos ou não), a representação em braille dos elétrons ao redor do elemento químico obedece aos seguintes critérios:

- acima do elemento químico (6 ou 66);
- abaixo do elemento químico (4 ou 44);
- à esquerda do elemento químico (4 ou 46);
- à direita do elemento químico (4 ou 46).

### Fórmula geral:



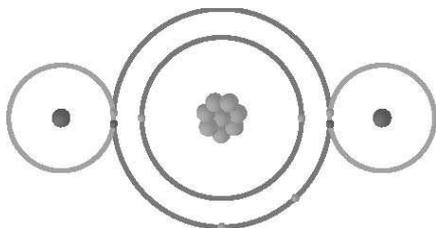
### Exemplos:



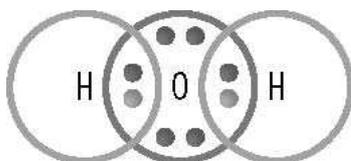
Observação: O compartilhamento de elétrons tem diferentes representações em tinta. Em braille a transcrição é feita com símbolos de ligação química nas distintas posições (Ver capítulo 8).

**Exemplos:**

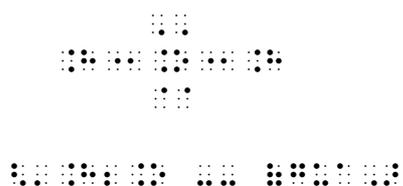
a)  $H_2O$  - água



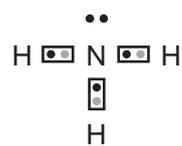
Fonte: SANTOS e MÓL, 2005, p.214.

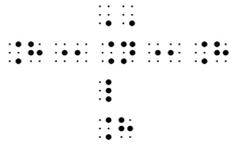


Fonte: SANTOS e MÓL, 2005, p.214.



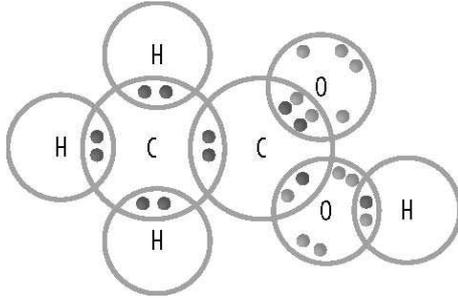
b)  $NH_3$  - amônia



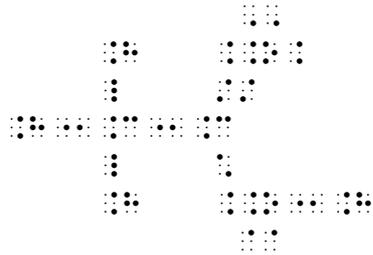


Braille representation of the chemical formula CH<sub>3</sub>COOH.

c) CH<sub>3</sub>COOH – ácido acético



Fonte: SANTOS e MÓL, 2005, p.214.



Braille representation of the ball-and-stick model of acetic acid.





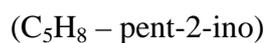
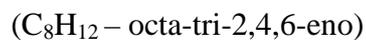
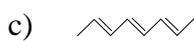
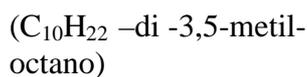
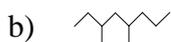
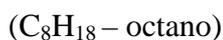


## 12. Cadeias carbônicas

As cadeias carbônicas são representadas em braille utilizando-se os símbolos de ligações químicas, como descritos no capítulo 8. Na transcrição dessas cadeias, as ligações duplas são representadas por  $\text{:::}$  (34 34) ou  $\text{:}$  (16 16); as ligações triplas são representadas por  $\text{:::}$  (34 34 34) ou  $\text{:}$  (16 16 16).

### 12.1. Cadeia carbônica de tamanho determinado

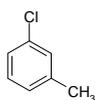
#### Exemplos:











### 13.4 Algumas estruturas cíclicas não ramificadas

Representadas por determinadas figuras geométricas são transcritas da seguinte forma: (12346 1345 135) onde n representa o número de lados do polígono.

#### Exemplos:

a) ciclopropano (triângulo)



b) ciclobutano (quadrado)



c) ciclopentano (pentágono)



d) ciclohexano (hexágono)



Observação: Para as estruturas cíclicas ramificadas sugere-se a utilização de numeração como indicada para o benzeno no item 13.3. Numera-se o carbono superior ou o carbono superior direito com o número 1 e os demais no sentido horário.

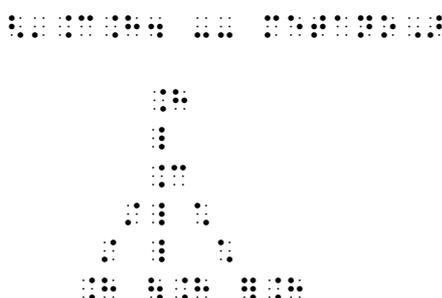
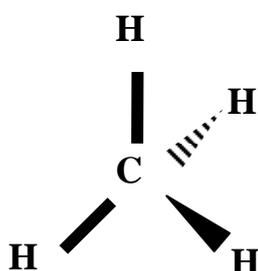
## 14. Estruturas tridimensionais de fórmulas químicas

Em tinta as ligações dessas estruturas são representadas por triângulos isósceles. O triângulo isósceles cheio e com base voltada para o átomo fora do plano de referência indica a posição anterior (ver exemplos); o triângulo isósceles descontínuo e com base voltada para dentro do plano de referência indica a posição posterior (ver exemplos).

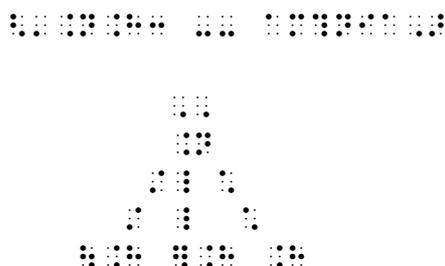
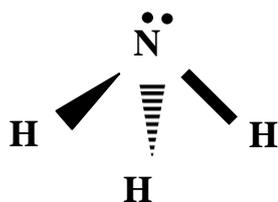
Em braille indica-se a posição anterior antepondo-se o símbolo ⠆ (1256) ao elemento químico. Da mesma forma, antepõe-se o símbolo ⠇ (12456) ao elemento em posição posterior.

### Exemplos:

a) (CH<sub>4</sub> – metano)



b) (NH<sub>3</sub> – amônia)

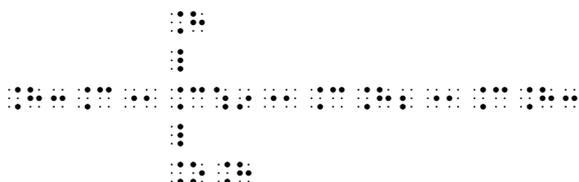
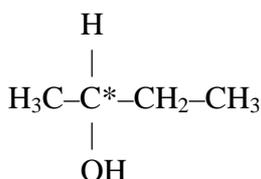


## 15. Símbolo braille delimitador

Emprega-se o símbolo : (156) entre dois símbolos braille sempre que a representação desses dois símbolos assumir significado diferente do convencional.

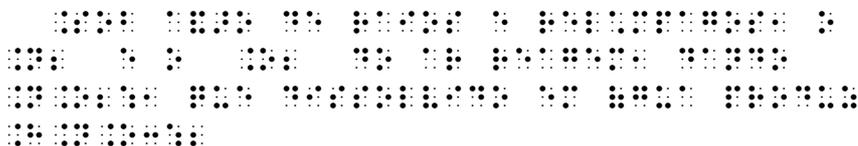
### Exemplos:

a) representação do carbono assimétrico:



b) utilização do símbolo braille delimitador antes de sinais de pontuação

Sob ação de raios e relâmpagos, o N<sub>2</sub> e o O<sub>2</sub> do ar reagem, dando NO<sub>2</sub>, que dissolvido em água produz HNO<sub>3</sub>;

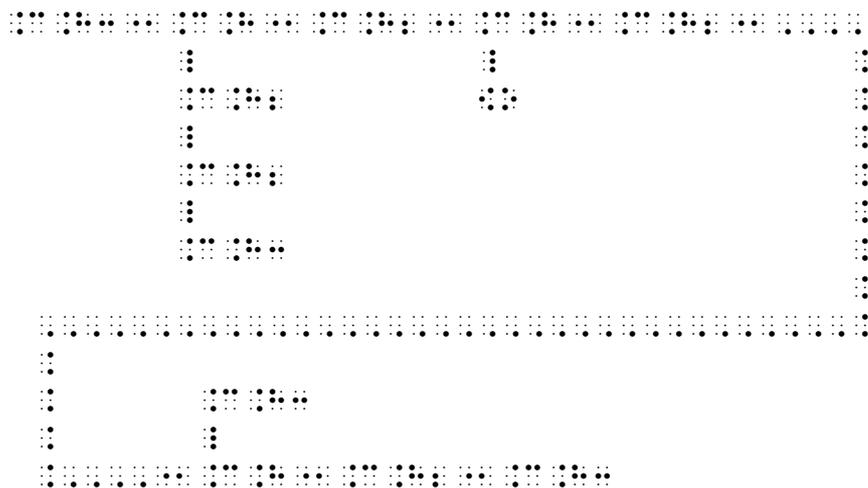
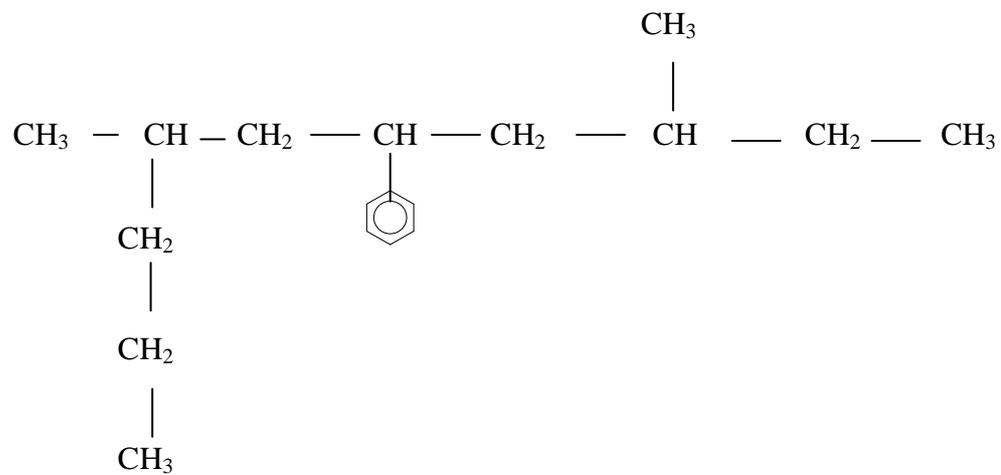








b) 5-benzil3,7-dimetil-decano



5-benzil3,7-dimetil-decano





## Referências

- BRASIL. MEC. **Lei das Diretrizes e bases da Educação**. Brasília: MEC, 1996.
- CARPENTIER, R. G. **Artigo em Braille**: os códigos científicos, Portugal.
- CARVALHO, G.C. **Química moderna**. São Paulo: Scipione, 1998.
- DOMINGUES, F. R. **Notación U del Sistema Braille, 3.1**, edição experimental. (original em Braille), volume único, ONCE (organização dos cegos Espanhóis), 1978.
- FUNDAÇÃO CATARINENSE DE Educação ESPECIAL. **Química em Braille**. (Ensino Fundamental e Médio), versão preliminar, SC, 2000.
- MORTIMER, E. F.; MACHADO A. H.; ROMANELLI, L. I. A proposta curricular do Estado de Minas Gerais: fundamentos e pressupostos, **Química Nova**, v. 23, n. 2, p. 273-83, 2000.
- RAPOSO P. N.; CARVALHO, E. N. S. de. Inclusão de alunos com deficiência visual. **Ensaio Pedagógico**: construindo escolas inclusivas. MEC. Brasília, 2005.
- RAPOSO, P. N.; SANTOS, K. A.; M. G. S. Grafia Química Braille: uma Proposta de Inclusão para Alunos Portadores de Deficiência Visual. **27ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química**, ED160, Salvador – BA, 2004.
- SANTOS, W. L. P.; MÓL, G. S. **Coordenadores, Química e Sociedade**. São Paulo: Nova Geração, 2003, 128 p.
- SEYMOUR, M. **Notações Químicas**. FICB, 1960.
- VOLTAIRE, F. **El Camino Hacia las Escuelas Inclusivas**. Inclusión Internacional, França, 1998.

## Anexo – Alfabeto grego

Nome	Minúsculo	Maiúsculo
alfa	α	Α
beta	β	Β
gama	γ	Γ
delta	δ	Δ
épsilon	ε	Ε
zeta	ζ	Ζ
eta	η	Η
theta	θ	Θ
iota	ι	Ι
capa	κ	Κ
lambda	λ	Λ
mi	μ	Μ
ni	ν	Ν
csi	ξ	Ξ
omikron	ο	Ο
pi	π	Π
rô	ρ	Ρ
sigma	σ	Σ
Tau	τ	Τ
Upsilon	υ	Υ
Fi	φ	Φ
Chi	χ	Χ
Psi	ψ	Ψ
ômega	ω	Ω



**Grupo Técnico para estudos e elaboração da Grafia Química Braille para Uso no Brasil da versão preliminar de 2002**

Coordenador:

Jonir Bechara Cerqueira  
Membro da Comissão Brasileira do Braille

Componentes:

Kárin Astrid Marques dos Santos  
Instituto de Química – UnB (Universidade de Brasília)

Nanci Aparecida Hernandez Ribeiro Ortolan  
Fundação Dorina Nowill para Cegos

Rodrigo Alberto da Silva  
Fundação Catarinense de Educação Especial

Patrícia Neves Raposo  
Diretoria de Ensino Especial da Secretaria de Educação do Distrito Federal

Suely Barbosa  
Ex-Revisora da Fundação Dorina Nowill para Cegos

Colaboradores:

Maria Aparecida da Silva Prado  
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Maria Gloria Batista da Mota  
Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação

Shirley Gonçalves da Silva  
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Cristina Pereira Guida Negry  
Secretaria de Educação do Distrito Federal